

## **VIDAS CONECTADAS: transexualidade e práticas políticas através de trajetórias digitais no Facebook. <sup>1</sup>**

## **CONNECTED LIVES: transsexuality and political practices through digital trajectories on Facebook**

Alisson Machado <sup>2</sup>  
Sandra Rubia da Silva <sup>3</sup>

**Resumo:** *A partir de uma etnografia para a internet (HINE, 2015) com travestis na cidade de Santa Maria, RS, o artigo interpreta alguns dos usos e das apropriações das tecnologias digitais, em especial do Facebook, na composição das agendas cotidianas e práticas políticas das participantes da pesquisa, discutindo as intersecções entre tecnologia, política e transexualidade. As apropriações dos artefatos digitais se produzem em espaços dinâmicos do cotidiano que organizam novos regimes de interação (MILLER et al. 2016), favorecendo o compartilhamento de conexões sociais entre as pessoas (JENKINS; FORD; GREEN, 2014), o que se traduz, no universo empírico interpretado, por uma infinidade de ações que visam a luta por direitos civis, reconhecimento social e visibilidade no âmbito da cidadania das travestis e mulheres transexuais.*

**Palavras-Chave:** *Transexualidade. Cotidiano. Internet.*

**Abstract:** *From an ethnography for the Internet (HINE, 2015) with transvestites in the city of Santa Maria, Brasil, this article interprets some of the uses and appropriations of digital technologies, especially Facebook, in the composition of everyday agendas and political practices of research participants, discussing the intersections between technology, politics and transsexuality. The appropriations of digital artifacts are produced in dynamic everyday spaces that organize new interaction regimes (MILLER et al., 2016), favoring the sharing of social connections between people (JENKINS; FORD; GREEN, 2014), which translates, in the interpreted empirical universe, by an infinity of actions that aim at the fight for civil rights, social recognition and visibility within the citizenship of transvestites and transsexual women.*

**Keywords:** *Transsexuality. Everyday life. Internet.*

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho de Comunicação e Sociedade Civil, do VII Congresso da Associação Brasileira de Pesquisadores em Comunicação e Política (VII COMPOLÍTICA), realizado na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), de 10 a 12 de maio de 2017.

<sup>2</sup> Doutorando em Comunicação, pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação, da Universidade Federal de Santa Maria. Mestre em Comunicação e bacharel em Comunicação Social, habilitação em Jornalismo, pela mesma instituição. E-mail: machado.alim@gmail.com

<sup>3</sup> Doutora em Antropologia Social, pela Universidade Federal de Santa Catarina. Mestre em Comunicação e Informação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Professora do Departamento de Ciências da Comunicação e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, da Universidade Federal de Santa Maria. E-mail: sandraxrubia@gmail.com

## 1. Introdução

Uma maior integração das tecnologias de comunicação digital, em especial da internet, na vida cotidiana, tem possibilitado a movimentação de modelos de ofertas discursivas e processos interacionais, tensionados pelas dinâmicas da cultura e sociedade em que se inscrevem. A possibilidade de utilização da internet e das redes sem fio como plataformas de comunicação digital tem potencializado a multiplicidade de interações que os sujeitos sociais estabelecem (CASTELLS, 2003), conectando as pessoas a um número infindável de redes, orientadas por diversas motivações e regimes de significado.

Projetos individuais e coletivos pautados pela liberdade civil e articulados pelos entornos comunicativos da internet (BENKLER, 2015) e uma maior autonomia comunicativa frente às formulações e mediações tradicionais (CASTELLS, 2013) indicam como a internet vem ultrapassando o nível da instrumentalidade técnica, possibilitando conexões, projetos e ações que acabam redefinindo os significados e horizontes das interações.

Conforme Winocur (2009), as tecnologias estão presentes nos imaginários de todos os grupos sociais na medida em que atravessam de modo transversal a vida cotidiana como elemento constitutivo dos nichos culturais de produção e de significação do social. Como parte indispensável das paisagens sociais de nossos cotidianos, a autora aponta para um processo de refuncionalização simbólica das tecnologias no cotidiano, no sentido de que as tecnologias da informação e comunicação não são utilizadas apenas levando em conta sua funcionalidade, mas também comportam imaginários como artefatos para controlar a incerteza, neutralizar as dispersões, evitar a fragmentação biográfica, servindo de suporte simbólico para a expressão de atores e grupos sociais.

A observação empírica com as travestis participantes da pesquisa e o cenário interpretativo em questão, quando confrontado com a literatura de referência, como os trabalhos de Silva (1993), Benedetti (2005) e Bento (2006), apontam à precarização

e marginalidade dos meios de vida das travestis, à subalternidade social – abandono da escola e da família consanguínea, desemprego formal e trabalho na prostituição da grande maioria – e aos contextos de violência física e simbólica – caracterizado principalmente pela transfobia. Nestes cenários de biografias fragmentadas, ainda distantes do reconhecimento e amparo pleno do Estado, as travestis negociam suas formas de vida, relacionamentos e resistências.

Silva (1993), em um dos primeiros trabalhos etnográficos a respeito do universo da transexualidade, na cidade do Rio de Janeiro, já apontava que mesmo em contextos de vida marginais e subalternos, as travestis articulavam e estendiam suas redes de apoio mútuo e cooperação, ampliando as formas de garantia de sua dignidade social. Para isso, contavam tanto com seus pares, quanto com agentes externos que desempenhavam atividades em diferentes campos sociais, principalmente associados à saúde e assistência social, cuidados clínicos e estéticos terceirizados com o corpo, práticas religiosas e sociabilidade em geral. Ainda que em desenvolvimento a luta pela garantia de seus direitos e demandas específicas e as ameaças constantes alimentadas pela transfobia, os cenários contemporâneos de interação se complexificam pelo acesso às tecnologias da comunicação digital.

As travestis que possuem acesso a essas tecnologias – principalmente acesso à internet, computadores pessoais, smartphones e acesso à rede – garantem sua inscrição, presença e a manutenção de suas interações online. Essas atividades, interligadas a outras esferas de suas vidas, compõem os repertórios de suas experiências sociais. As interações, possibilitadas por essas ferramentas, orientam e organizam muitos dos elementos pelos quais a experiência de vida cotidiana das travestis é articulada, levando em consideração as possibilidades de agência e resistência geridas nesses espaços.

Buscando romper com um enfoque de reprodução das normas sociais, que opõem agência e estrutura social, o artigo busca interpretar os usos e as apropriações dessas tecnologias, levando em consideração a historicidade e contextualidade das vivências travestis e o papel de suas agências através de suas trajetórias digitais. Partindo da definição, proposta por Ortner (2005), de que as agências sociais são as formas complexas da consciência frente aos formatos culturais mais dominantes,

sempre inscritas das dinâmicas da cultura e nas disputas de poder, demonstra-se que as interações online das participantes não estão desassociadas das transformações sociais de suas próprias experiências e contradições, mas que se compreendem nas próprias formulações vividas. Esses regimes de interação movimentados na e pela internet, ao favorecerem o compartilhamento de conexões sociais entre as pessoas (JENKINS; FORD; GREEN, 2014), articulam o modo como elas experimentam significativas mudanças nos processos pelas quais suas sociabilidades, identidades e experiências do cotidiano são elaboradas.

O artigo apresenta algumas interpretações retiradas de uma etnografia para internet (HINE, 2015) que investiga as trajetórias digitais de um grupo de travestis na cidade de Santa Maria, Rio Grande do Sul, Brasil, buscando entender como se efetivam as práticas políticas das participantes da pesquisa. A definição de práticas políticas é ancorada na percepção empírica das próprias participantes, como aquelas atividades geralmente entendidas como uma luta constante, marcada pela busca de dignidade, identidade, visibilidade, reconhecimento e, sobretudo, respeito. A pesquisa etnográfica é conduzida principalmente a partir da observação e coleta de dados nos perfis na página da rede social Facebook das participantes, informadas por interação online ou presencial, discutidas durante o trabalho de observação participante e no acompanhamento de suas tarefas e atividades pelo qual o trabalho de campo se define.

Dessa forma, o trabalho de campo busca pensar a multilocalidade (MARCUS, 2001) das práticas e vivências travestis, principalmente quando interpretadas em função das apropriações da tecnologia digital. A rede social online Facebook, plataforma que domina as interações observadas, dinamiza as redes já existentes, proporciona formas efetivas dessas redes serem ampliadas, impulsiona as possibilidades de manter, gerir e cuidar de suas redes de sociabilidade e interesse.

O artigo apresenta inicia com uma reflexão sobre a abordagem da etnografia para a internet, relacionando algumas de suas dimensões ao universo empírico observado. Em um segundo momento, discute como a sociabilidade online é gerida por processos de interação que escalonam e conectam diferentes esferas da vida

social e, por fim, discorre como políticas da intimidade são movimentadas nesses regimes de interação.

## **2. Abordagem etnográfica: internet e políticas do cotidiano**

A orientação etnográfica para os estudos da internet pode ser definida pela atenção à contextualidade dos nexos culturais e das apropriações da internet em função da elaboração e reelaboração dos contextos em que os próprios sujeitos interatuam (HINE, 2000). Essa abordagem, que privilegia entender os usos da internet enquanto gêneros culturais (MILLER, 2013), indica que as reflexões sejam pautadas pela observação das apropriações locais e dos usos realizados pelos sujeitos ou grupos sociais. Mais do que entender a internet como uma ferramenta material utilizada para a realização de capacidades específicas, são os gêneros dos usos que definem as dinâmicas culturais e o entendimento das articulações entre mídia e cotidiano.

Hine (2015) argumenta que os estudos de caráter etnográfico para a internet continuam a desenvolver seus conhecimentos como resultado da interação e proximidade constante entre o pesquisador e os participantes da pesquisa, através do trabalho de campo, em um alto grau de reflexividade interpretativa. A autora passa a designar as especificidades do trabalho etnográfico em um mundo impregnado pelas mídias, em especial das mídias digitais, como etnografia para a internet, que assume não mais a tarefa bimodal de uma etnografia virtual em contraposição a uma etnografia mais clássica, situada nas relações tradicionais e nos limites físicos e territoriais do campo de pesquisa mais claramente delimitados.

Articulando um tipo de copresença dentro dos cenários e circunstâncias específicas da pesquisa online, a etnografia para internet procura entender uma maior abertura do campo etnográfico em função das conexões e variações vividas na internet, “um caminho de aproximar-se (de modo muito próximo) das pessoas através das experiências que elas vivenciam na internet, desenvolvendo assim uma compreensão de como elas se sentem nas navegações cotidianas” (HINE, 2015, p.

26). Na concepção de uma etnografia para internet, Hine desenvolve o argumento de que três dimensões interconectadas da internet podem ser observadas: incorporação, corporificação e cotidianidade<sup>4</sup>.

A incorporação, segundo a autora, refere-se à tendência crescente com que a internet se conecta às relações estabelecidas com os objetos e acontecimentos do cotidiano. Essa dimensão diz respeito às interações, conexões e transformações das relações das pessoas entre si e de suas relações com as tecnologias. Através da incorporação da internet “em usos com múltiplas formas de contextos e quadros de tomada de significado” (HINE, 2015, p. 33) articulam-se práticas sociais orquestradas nos espaços online e geridos para fins e interesses próprios.

A internet pode ser incorporada ao cotidiano de diferentes formas. No contexto empírico observado, parte-se das relações contínuas da internet nos mais diversos fins. Relacionada às práticas de ação política, a incorporação cotidiana da internet funciona como um espaço de produção e articulação de saberes, opiniões e na manutenção de relação que buscam articular em rede propostas de busca por legitimidade social das travestis. Essa noção articula diversos tópicos do universo simbólico da transexualidade na produção de significado nas redes online.

A incorporação da internet no contexto de vida das participantes da pesquisa é um dos principais elementos que compreendem as práticas de seu interesse político. Dessa forma, conteúdos e postagem marcam a presença online das travestis, por meio do perfil na rede social, como um espaço primordial de enunciação de suas demandas. O Facebook aparece como um aliado, onde é possível “ter voz e poder falar” e, para isso, o perfil ocupa um importante lugar que possibilita a elas expressarem suas opiniões, seja em postagens ou comentários, ou publicando conteúdos próprios da internet que julgam ser importantes de serem compartilhados.

Um dos elementos que diz respeito a como a internet é incorporada pela maioria das participantes é a percepção de liberdade com que podem se expressar em seus perfis, liberdade essa não livre de contradições e disputas pelos significados

---

<sup>4</sup> Os dados empíricos da pesquisa são observados e interpretados em função da articulação dessas três dimensões da internet. Elas não funcionam em termos de categorias, mas estabelecem algumas das relações que definem os usos e as apropriações da internet e os processos de significação pelos quais essas experiências são percebidas.

manifestados, mas mantidos principalmente pelo próprio regime de interação disponível na plataforma. Curtidas e comentários nas postagens indicam o grau de aderência de suas opiniões, dentro dos quadros de suas interações, geralmente manifestadas por amigos, próximos ou distantes, que confirmam e participam das interações.

É possível afirmar, através dos exemplos que seguem, que a circulação de postagens, opiniões, conteúdos e imagens ligadas a essa dimensão de liberdade para expressar-se, em geral, estão relacionadas à divulgação de fatos, notícias e acontecimentos sociais de seu interesse, sejam de elementos cotidianos, ou acontecimentos já inseridos nos fluxos midiáticos. Comentando e divulgando conteúdos, se articulam redes de interesse e de opiniões, que buscam visibilidade para questões relacionadas à cidadania transexual.

Em abril de 2016, quando a então presidenta Dilma Rousseff assinou o decreto permitindo que travestis e transexuais utilizassem seu nome social em órgãos de serviço público federal, a notícia foi recebida e compartilhada com alegria por muitas delas. Ao compartilhar uma imagem sobre o ocorrido, Nicole<sup>5</sup> escreveu: “Não queremos só nome social, queremos identidade sem burocracia. Sei q já existe mas tem que passar por um longo processo. Queremos facilidade, nem todas tem condições de pagar advogado ou psicólogo”<sup>6</sup>.

Nos comentários dessa postagem, segue uma sequência de respostas afirmativas à proposição. Esses comentários, mesmo que não caracterizem um debate ou uma conversa, visto que são opiniões particulares expressas de forma individual sobre um tópico, expressam as redes de solidariedade e de interesse político mantidas por elas na internet. “Buscar esses direitos. Só acho que a classe tem que se unir, não adiante só umas dar a cara a tapa... gente a união faz a força. Vamos deixar as diferenças de lado e lutar juntas” e “desistir jamais” são exemplos de comentários que alimentam essas redes.

---

<sup>5</sup> Os nomes apresentados são fictícios para manter resguardada a identidade das participantes da pesquisa.

<sup>6</sup> As transcrições de postagens, comentários e falas das entrevistadas e participantes da pesquisa são mantidas na forma original, conservando a singularidade de suas formas de expressão, seja na linguagem escrita e falada.

Essas interações, mesmo que não estejam relacionadas a outras práticas de ação e engajamento político, indicam as opiniões e posicionamentos dos envolvidos nas interações. Este é o gênero predominante nas interações, comentários na maioria das vezes de apoio, afirmações, desejos de luta e revolta e indignação nos casos considerados críticos e abusivos. Cyntia, comentando sobre essas postagens, afirma que nos comentários é possível reconhecer “quem está do lado, ajudando na causa e pegando junto”. Para ela, o Facebook ajuda a manter as relações com aqueles que tem convicções semelhantes:

“A pessoa pode não fazer muito, e em geral não faz. Mas é bom tu saber que não tá sozinha, que tem gente que sente o mesmo que tu, que fica indignada junto. É difícil se reunir porque o problema está em todo lugar, mas no Face tu sabe que tem gente, fazendo outras coisas, noutros lugares, que estão ali, e podem apoiar se tu precisar.” (Cyntia, 24 anos)

Em geral, este é o caráter da maioria das interações. Elas funcionam dentro do quadro de amizades estabelecidas na rede social alimentando o sentido de que as travestis precisam lutar cotidianamente por seus direitos. É um lugar de protesto, onde é possível compartilhar aquilo que se sente e receber algum tipo de retorno, em geral, retorno sempre discursivo e de apoio.

O compartilhamento de notícias sobre casos de transfobia é um exemplo específico do universo da transexualidade articulado pelas travestis na luta por respeito e cidadania. Casos como o da modelo e travesti Verônica Bolina, espancada por policiais na cidade de Bom Retiro, São Paulo, em abril de 2015, as manifestações contra a apresentação da atriz transexual Viviany Beleboni, crucificada durante performance na 19ª Parada Gay de São Paulo, em junho de 2015 e as perseguições sofridas por ela, a notícia da morte de Nycole Rocha, Rainha da Diversidade do Carnaval de 2014 da cidade de Cachoeira do Sul, Rio Grande do Sul, asfixiada por dois adolescentes em julho de 2016, no parque da Fenarroz (Feira Nacional do Arroz) na mesma cidade e, mais recentemente, a notícia da morte de Dandara, em março de 2017, cujo espancamento e morte foram registrados em um vídeo disponível na internet, são alguns dos exemplos de notícias sobre os casos de agressão, morte e



violência de travestis e transexuais que são compartilhadas nos perfis, na tentativa de visibilidade ao ocorrido.

Essas postagens, que marcam os posicionamentos considerados fundamentais da cidadania trans, indicam a incorporação da internet não apenas como fonte de informação, mas como uma ferramenta que proporciona maior alcance de suas opiniões e a articulação de redes de apoio. Da mesma forma que, na internet, se comemoram os avanços e as conquistas, também há o sentimento de “busca” por justiça social e reconhecimento, o que é alimentado tanto pelos acontecimentos de suas vidas cotidianas, quanto por conteúdos midiáticos e jornalísticos diversos.

A utilização de ferramentas audiovisuais, como vídeos caseiros e *lives* (transmissões ao vivo) também são articulações realizadas por elas. Em um episódio – quando precisaram recorrer à delegacia de polícia da cidade por terem sido agredidas na rua e, chegando ao local, foram mal recebidas pelos agentes – uma das participantes gravou um vídeo, falando do desrespeito com que foram tratadas pelos policiais, sem o direito de uso de seus nomes sociais e tendo sido o fato da agressão negligenciado na denúncia. Os comentários e compartilhamentos do vídeo articularam uma rede de apoio e denúncia que não concretizaram ações políticas externas, mas colaboraram à medida que atestam a coragem das denunciantes, funcionando mais como um capital simbólico de respeito e reconhecimento dentro da própria comunidade trans, dos amigos, das redes de apoio LGBT e de poucas lideranças comunitárias e políticas com que estão alinhadas.

Essa noção de internet incorporada acentua a afluência entre o conjunto de práticas sociais e culturais que caracterizam as vivências travestis e aquilo que é postado na rede social, pensado não enquanto uma esfera separada da vida cotidiana, mas sim alinhada e definida como parte integrante da experiência social e política das travestis.

Além de incorporada à vida cotidiana e às formas de ação política possibilitadas pela articulação do perfil no Facebook, expressões da internet corporificada também compõem os horizontes das práticas observadas. Conforme Hine (2015, p. 41), a internet como corporificada permite indagar o online “como uma extensão de outras maneiras encarnadas de ser e agir no mundo” e refletir sobre como as noções de

presença e corporalidade são articuladas tanto nos imaginários mais gerais sobre a internet, quanto no uso de diferentes plataformas. A corporificação relaciona-se, em nosso universo empírico a processos de construção das identidades das travestis como sujeitos políticos reflexivos da cultura (CAMPAZANO, 2008).

Tomando a materialidade do corpo e das formas de engajamento no mundo social como ponto de partida das interações na internet, essa dimensão pretende evocar as conjunturas físicas, gestuais, corporais e emocionais interligadas ao incorporamento dos usuários de internet. Para a autora, a internet cada vez mais é experimentada por usuários incorporados de diferentes maneiras, dependendo das circunstâncias e das formas com que as interações são articuladas por diferentes dinâmicas da corporalidade.

Os questionamentos expressos através da internet corporificada assumem a complexidade das experiências corporais, uma vez que as sociabilidades online são articuladas por diferentes posicionamentos sociais e materialidades circunstanciais. A incorporação da internet, os trajetos realizados e a experimentação de dinâmicas da corporalidade não indicam uma dissolução do corpo e um apagamento do corpo no online como uma maneira de escapar da existência cotidiana, “mas para enriquecer seu entendimento pelos eventos que acontecem em suas vidas” (HINE, 2015, p. 44).

Vivências corporais das travestis são manifestadas em muitas das interações realizadas no perfil na rede social, buscando articular o direito absoluto pelo própria corpo e pela vivência social plena de sua sexualidade. O próprio perfil assume uma posição de signo corporal e de suas correspondências mais imediatas, na medida em que permite às travestis revelar a si mesmas, mais do que em muitos outros âmbitos da vida social. Para elas, há uma relação muito acentuada de, no Facebook, projetar a verdade sobre si próprias. Em seus perfis, assumem bem mais do que o nome social, festejam o corpo e suas relações como um espaço político de afirmação de sua identidade como um trabalho de elaboração consciente de si (SILVA, 1993, p. 91).

O movimento de afirmação de suas identidades, embora referenciado em cotidianos de alta subalternidade e violência, aponta ao “caráter de fidelidade de si mesmas”. Esse caráter, conforme Silva, organiza a vida das travestis, ao assumir seu gênero, no exercício de sua sexualidade e na transformação de seus corpos. Nas

interações online, as travestis encontram possibilidade de resistir à norma heterossexual compulsória (BUTLER, 2013) e aos discursos normalizadores de seus corpos, encontrando brechas para contrapor as estruturas sociais heterossexuais vigentes a respeito de como viver sua corporalidade.

No Facebook, existe ainda a correspondência entre aquilo que se posta e o modo como se conduzem as interações com as categorias de pensamento que elas possuem sobre si mesmas e a maneira com que as expressam. Miller (2011, p. 179) discute, em sua pesquisa de campo sobre os usos do Facebook em Trinidad, o conceito de máscara como trabalho de elaboração sobre si<sup>7</sup>. Em nosso universo empírico, essa relação também pode ser observada no corpo assumido nas interações online de acordo com símbolos do feminino próprio das vivências travestis (PELÚCIO, 2009).

Sejam nas mais diversas atividades cotidianas, encontros, passeios, compras, festas e eventos, ou nas articulações políticas específicas em que participam, como a Parada da Diversidade e a Parada Alternativa realizadas anualmente na cidade, as travestis manifestam-se como portadoras de um capital corporal opositivo e reagente à dominação simbólica masculina (BOURDIEU, 2010). Não se pode “trair” no online os processos de construção da corporalidade trans, articulada com trabalho e esforço nos mais variados níveis, processos e regimes de cuidado. O corpo é assumido como correspondência direta da identidade e da luta política das travestis que deve ser festejo e partilhado, tanto por sua beleza e sexualidade específicas, quanto na própria possibilidade de existir enquanto ser político.

O modo como o corpo é vivido nas interações online e a incorporação situacional da internet, evidenciadas nos mais diferentes usos, está relacionada a terceira dimensão destacada por Hine, da internet cotidiana, que evidencia a articulação da infraestrutura da internet como a do tecido social, tornando difícil separá-la do fluxo geral da existência e as circunstâncias específicas do online que a caracterizam.

---

<sup>7</sup> Conforme Miller (2011), em Trinidad, a ideia de máscara não necessariamente indica disfarce ou falsidade. Para uma de suas informantes, no Facebook, a verdade sobre uma pessoa pode ser percebida no esforço e no trabalho que ela faz para elaborar sua apresentação pública. Através de suas postagens pode-se entender aquilo que a pessoa pensa ser, à medida que ela projeta socialmente a imagem que busca construir. No esforço de se mostrar o que se é, interessa mais o trabalho em construir essa aparência do que o conteúdo daquilo que se expressa.

É em seu sentido cotidiano que a internet pode ser pensada enquanto um fenômeno cultural, na medida em que colabora para a articulação das relações sociais nos mais variados contextos. O acesso cotidiano à internet permitiu uma experimentação mais ampliada das dinâmicas anteriormente experimentadas nas vidas das travestis, habilitando-as a novas interações. A internet tornou-se um importante elemento no horizonte de suas afirmações políticas, na medida em que a vida cotidiana, ao ser enunciada e compartilhada nas redes, assume uma dimensão pública e política.

### **3. Vidas conectadas: o digital é político e é travesti**

Refletindo acerca de algumas correlações específicas do Facebook em seu trabalho de campo em Trinidad, Miller (2011) indica como a plataforma garantiu seu sucesso de adesão para muitos indivíduos e grupos sociais em função dos gêneros e expectativas locais que as pessoas possuíam, o que acaba orientando os usos e definindo os padrões sociais de sociabilidade. As articulações políticas das travestis nas redes digitais, ainda que representem uma fração específica de suas atividades, não podem ser compreendidas fora das interações cotidianas e dos elementos pelos quais a vida social vai sendo construída.

A noção de cotidiano é experimentada pelas travestis, na forma de processos de socialização ampliados e partilhados em rede, que permite alargar tanto as interações quanto os referenciais disponíveis que guiam as suas formas de caracterização. É neste sentido em que se alargam as esferas interacionais do cotidiano (MILLER, 2011), promovendo um espaço adicional para a expressão pessoal, articulando uma forma de presença mais pública, que revela o potencial político das postagens sobre o cotidiano.

Miller et al. (2016) entendem que as mídias digitais, em especial as plataformas de redes sociais potencializam práticas de interações combinando dois regimes de comunicação, um mais próximo da radiodifusão pública, que possibilita que o conteúdo postado seja acessado por grandes audiências conectadas e um modelo comunicativo mais diádico, como de uma conversa telefônica, organizado em torno

de uma interação mais restrita e particularizada. A partir de uma sociabilidade escalonável articulada nas redes sociais, as pessoas podem tanto estender (mais público) quando particularizar (mais privado) suas interações de acordo com cada circunstância específica de realizado.

A sociabilidade escalonável, nas redes digitais, permitindo ora estender e ampliar, ora aproximar e singularizar os regimes de interação. Dessa forma, as variações entre os gêneros específicos de comunicação permitem às pessoas diferentes formas de engajamento e envolvimento. Conforme os autores, não foram as plataformas digitais que inauguraram essas dinâmicas, sendo próprio dos processos de sociabilidade humana equacionar as relações de acordo com os sujeitos envolvidos, os cenários e as situações sociais. No contexto das tecnologias digitais, essa sociabilidade apenas torna-se acentuada, na medida em que usos específicos são lançados sobre plataformas particulares que passam a compreender o modo com que as relações sociais vão sendo construídas nas diversas interfaces da apropriação tecnológica.

Zelizer (2009) entende a articulação e negociação da intimidade como uma forma de coexistência de diferentes regimes que compõem a natureza das relações que as pessoas estabelecem. Para a autora, a intimidade é um espaço constantemente mediado por outras esferas da vida social que funciona como um ponto de superposição entre diferentes sistemas sociais e seus regimes de valores. Desse modo, as atividades sociais, realizadas no cotidiano, não possuem uma separação clara e distinta com os espaços que as pessoas entendem por intimidade.

Uma série de atravessamentos recoloca questões a serem resolvidas conforme essa noção se expande ou se contrai nos contextos de cada experiência social e conforme diferentes laços sociais vão sendo identificados. Conforme Zelizer, a mescla entre intimidade com outros aspectos da vida social compromete-se com a criação e negociação de vidas conectadas, apontando diretamente à interação e à interdependência entre diferentes perspectivas de mundo.

A noção de vidas conectadas indica que as pessoas gerem suas vidas graças a diferenciação de múltiplos laços sociais e estabelecem limites entre os diferentes laços através de suas práticas cotidianas. Por meio de atividades conjuntas, diferentes

sistemas de coligar e separar vão sendo mantidos e articulados, negociando, de uma maneira constante, o conteúdo exato dos laços e aquilo que eles representam. A negociação de diferentes posições permite a construção de mundos sociais mais coerentes, possíveis de serem negociados e vinculados uns aos outros por intermédio de laços significativos criados na manutenção das relações. A diferenciação de laços ocorre na forma de diversas demarcações simbólicas, que visam aproximar ou distanciar os elementos responsáveis por essa articulação, possibilitada por intermédio de agentes de distinção de diferentes ordens.

As relações sociais, para a autora, incluem ao menos um mínimo de significado a ser compartilhado, regras operativas que guiam os contextos de interação e a percepção dos limites que separam uma esfera de relação a outra. Esses elementos podem ser lidos na forma de um trabalho relacional, ou seja, a criação de laços diferenciados que se formam em todos os âmbitos da vida social, incluindo a institucionalização de diferentes laços sociais, sua manutenção, reformulação, distinção de outras relações e até mesmo sua finalização.

A proposta de Zelizer, sobre as vidas conectadas e modo com que diferentes esferas da vida social estão em constante trânsito e coalisão, encontra uma ressonância teórica com a proposição de Miller et al. (2016), de que através das redes sociais e das plataformas que sustentam a comunicação digital, as pessoas encontram maneiras mais acessíveis e expandidas de escalonarem suas relações, articulando diferentes sistemas de sociabilidade em função de como se engajam e se relacionam com os laços sociais mantidos na internet.

Não estamos afirmando que as interações mais particularizadas não sejam atravessadas por dinâmicas e posicionamentos políticos. O que salientamos é o movimento que faz com que assuntos cotidianos se tornem políticos, tanto em função de seu interesse, pelo teor daquilo que é postado, quando em função da capacidade que o argumento apresentado possui de impactar e suscitar interações.

Bianca afirma que o Facebook ajuda na organização de muitas situações corriqueiras do cotidiano, como estar mais próxima de amigos e amigas distantes e de familiares, de saber o que as pessoas estão fazendo, onde e com quem estão, mas que também entende esse espaço como um lugar importante na luta por seus direitos,

por isso é “insistente” na rede social, curtindo e comentando nas postagens das amigas e escrevendo suas próprias postagens, como a que segue:

Eu sou #TRAVESTI, a #Bicha na boca de muitos! Para algumas #mulheres: Um desperdício. Para alguns #Homens: Uma afronta a sua masculinidade! Para Alguns #Religiosos, Apenas um condenado ao inferno. Para alguns #Familiares a vergonha da família. MAS E PRA MIM? Bom, #Nunca me perguntaram nada. As pessoas não querem saber o que você sente. Elas sabem apenas te Julgar. Eu não escolhi ser #TRAVESTI tão pouco sofrer preconceito, perder Amigos pela minha sexualidade e sentir o Desprezo de algumas pessoas. Nasci assim e me aceito da forma que eu sou e para a tristeza de alguns sou feliz desse meu jeito. NÃO PRECISA GOSTAR DE MIM, APENAS ME #RESPEITANDO JÁ O SUFICIENTE! (Bianca, 27 anos)

Embora distante de articulações políticas mais institucionalizadas, esse tipo de presença pública, no regime específico de interação com os amigos adicionados no Facebook, inscreve as travestis nas principais redes que precisam ser articuladas, em geral, dos próprios amigos e de uma sociabilidade mais próxima. Mesmo que essas postagens permaneçam dentro do circuito dessas relações, elas são capazes de manter tanto a sociabilidade, quanto os regimes de pertencimento e afetividade.

Conforme Miller (2011), o Facebook acaba funcionando como agregado de esferas privadas em certa medida tornadas públicas, convertendo em mais complexas as fronteiras da privacidade e da intimidade. É na conversão de intimidade em elemento público, na passagem do privado para o compartilhado, que as travestis conseguem articular muitas de suas demandas na luta por reconhecimento, cidadania e dignidade. Sabedoras das distinções necessárias para realizar tais translações, elas possuem a competência de apresentar seus argumentos de forma a movimentar a interação de suas redes. Assuntos que envolvam a luta por direitos políticos, respeito e cidadania são mais encontrados nos perfis, postagens em modo público, do que nas interações particulares. É deixando saber e fazendo circular os episódios cotidianos de vivência da violência e preconceito, os problemas enfrentados na luta por reconhecimento que são mobilizados os sentidos mais políticos de suas interações.

#### **4. Tornando visíveis as políticas da intimidade**

Conforme Thompson (2008), o tempo da alta visibilidade mediada em que vivemos caracteriza um ambiente midiático mais intenso, extensivo e menos controlável. Nesse cenário, o domínio público transformou-se em um espaço complexo de fluxo de informações onde palavras, imagens e conteúdos são postos em circulação na tentativa de pautar a atenção e interesse públicos. Longe das agendas midiáticas e políticas tradicionais, as agências das travestis apontam mais para uma escala reduzida dessa sociabilidade, embora mais alargada que antes, capazes de gerir um capital simbólico ainda assim expressivo nas redes de interesse, apoio e cumplicidade.

A conquista por visibilidade garante assim um tipo de presença ou reconhecimento no âmbito público, que serve tanto para chamar a atenção às suas demandas, quanto para manter minimamente relacionados todos e todas que possam somar ajuda nas conquistas daquilo que reivindicam. É no contexto das interações realizadas nas redes sociais que as travestis desenvolvem uma importante dimensão na luta por cidadania, movendo recursos enunciativos e simbólicos daquilo que Thompson (2008, p. 34) chamou de fuga ao esquecimento social ou “morte por desaparecimento”.

Na busca por visibilidade social e na manutenção dos laços sociais, as interações geridas nas redes articulam dimensões de um espaço público que não é necessariamente físico ou territorial, mas sim um espaço simbólico de reunião, tanto imaginária quanto concreta, de diferentes atores sociais (ESTEVES, 2011). Essas relações não constituem uma realidade dada a priori, mas um projeto de construção laboriosa e variável capaz de organizar socialmente esferas da mediação de subjetividades e experiências (INNERARITY, 2006).

Nas fronteiras imprecisas entre os universos público e privado são tensionadas as dinâmicas políticas do gênero e da sexualidade (OKIN, 2008) como agência motora da maioria dos usos e apropriações observadas. Uma maior autonomia de enunciação individual potencializada pelas redes digitais (BENKLER, 2015) possibilitou liberar a



intimidade do anonimato, tornando visível as políticas da intimidade no direito ao exercício pleno da identidade e sexualidade das travestis.

As garantias de afirmação de seus direitos sexuais, entendidos na vivência plena da cidadania travesti, nas redes digitais, é possibilita através de processos de autocomunicação (CASTELLS, 2013) proporcionados pelas plataformas da comunicação digital e pelo seu potencial de alcance. Mesmo que a maioria delas se engaje esporadicamente em ações realizadas por movimentos e coletivos sociais de libertação sexual, os processos de autocomunicação permitem que expressem seus posicionamentos, desejos e insatisfações, compondo um quadro geral e partilhado de formatos de resistência e reivindicações:

Cena revoltando que acabo de cer agora no bom dia brasil. Uma mona selvagente espancada em um av. em belem por mais três maricas na frente de dois policiais militares e tem vários taxistas e ninguém fez nada e os pms foram em cima dela. Isso é revoltante... deixaram ela ser arastada... não interessa o motivo, desse jeito nao se resolve nada, so causa mais ódio e revolta (Paula, 23 anos)

Chega! Basta de violência. Basta! São seres humanos também, pensem no que estão fazendo, nesse mundo ninguém é melhor que ninguém! Não gosta, aprenda a respeitar. Beijos a todas as trans, travestis, bi, gay, pan, sapatas, drags e principalmente pra quem me respeita do jeito que eu sou! (Naty, 22 anos)

Essas postagens demarcam os processos de autocomunicação, autonomia e liberdade que elas encontram no Facebook para expressarem assuntos de seu interesse. As redes formadas, em geral, representam um espaço seguro para a autoafirmação de si próprias e de luta por seus direitos. Em geral, não há expressivas reação opostas, ataques, ou discursos pautados por ódio e preconceito. Muitas das pessoas com quem interagem já participavam de suas redes em outros contextos e os desconhecidos, cuja interação ocorre apenas no online, passam por processos de avaliação, ou podem ser excluídos da rede com facilidade. Dessa forma, a intimidade não se manifesta apenas no conteúdo daquilo que é postado, mas também na natureza das interações. Ela adquire contornos imprecisos nos diferentes regimes estabelecidos e no modo com que os significados sociais da vida das travestis vão sendo conduzidos e partilhados.

## 5. Considerações finais

Cada vez mais presente no cotidiano das interações sociais, o acesso à internet e, em especial, às redes digitais, como o Facebook, possibilitou às travestis ampliarem suas redes de relações, incidindo no modo com que os repertórios sociais e suas práticas de vida são elaborados. Incorporada à vida cotidiana, os usos demonstram que as ações políticas se desenvolvem próprias dinâmicas das interações, como ferramenta de informação, através do conteúdo que é postado e recebido nas redes, mas também como suporte para ações que visam reconhecimento social e cidadania. A internet corporificada é percebida nas possibilidades de celebrar o próprio corpo no exercício de uma sexualidade plena e na resistência frente à violência e às ações que visam sobrepujar e marginalizar o corpo travesti.

O perfil nas redes sociais, para as travestis, ocupa um lugar central na produção de significado a respeito de si mesmas, havendo uma correspondência direta entre identidade, cotidiano e aquilo que se posta. Além disso, ele é utilizado como uma ferramenta de luta por reconhecimento e visibilidade social, um lugar onde é possível se fazer ouvir e se manifestar. O compartilhamento de conteúdos relacionados às demandas específicas e ações políticas é um dos usos mais acentuados na rede social, a partir dele se desenvolvem outras interações, alimentando o sentimento de pertença, partilha e cumplicidade.

As interações observadas demonstram articulações que não correspondem efetivamente a modelos institucionalizados de ação política. Geralmente fora das agendas de partidos políticos, movimentos e coletivos sociais, nas redes se desenvolve interações mais focalizadas nas políticas da intimidade dada a abertura de tornar público acontecimentos, episódios e opiniões de caráter íntimo, mas que passam a compor o repertório socializado das demandas por cidadania.

A produção e compartilhamento de conteúdos relacionados a demandas específicas da população transexual aparece nas postagens e nas interações na forma dos principais tópicos em que são expressos, luta por visibilidade e reconhecimento de seus direitos e combate à violência e à transfobia. Conectados à vida cotidiana, essas questões são levadas às interações online através dos diferentes

regimes de escalonamento de suas sociabilidades, pelas quais a intimidade é convertida em conteúdo de interesse público.

Nem tudo o que diz respeito à intimidade e ao universo da vida privada que é postado nas redes possui um caráter político manifestado. As postagens reconhecidas por elas para esse fim são as que partem de situações em geral particulares, mas que são reconhecidas e partilhadas tanto por outras travestis, quando por aqueles que também estão inseridos em suas redes.

Dessa forma, o movimento de conversão da intimidade em capital político ocorre por um processo de reconhecimento e partilha de significados, marcado pela alteridade com que cada um responde nos espaços de interação. É difícil a tarefa de pontuar, com exatidão, onde se localiza o produto dessas articulações, certamente ainda longe das arenas públicas de decisões políticas. A movimentação nas redes digitais aponta que a luta por cidadania e pela conquista de direitos é uma pauta constante nas interações online cotidianamente manifestada e que define seus sistemas de sociabilidade e afetividade.

## Referências

- BENEDETI, M. R. **Toda feita**: o corpo e o gênero das travestis. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.
- BENKLER, Y. **The Wealth of Networks**: How Social Production Transforms Markets and Freedom. Yale University Press, New Haven and London, 2006.
- BENTO, B. **A reinvenção do corpo**: sexualidade e gênero na experiência transexual. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.
- BUTLER, J. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.
- BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.
- CAMPAZANO, G. Recuperação das histórias travestis. In: CORNWALL, A.; JOLLY, S. (org.). **Questões de sexualidade**: Ensaio transculturais. Rio de Janeiro: ABIA, 2008, p. 81-90.
- CASTELLS, M. **A galáxia da internet**: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.
- \_\_\_\_\_, M. **Redes de indignação e esperança**: movimentos sociais na era da internet. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.
- JENKINS, H.; FORD, S.; GREEN, J. **Cultura da conexão**: criando valor e significado por meio da mídia propagável. São Paulo: Aleph, 2014.

- ESTEVES, J. P. **Sociologia da Comunicação**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2011.
- HINE, C. **Etnografia virtual**. Barcelona: UOC, 2000.
- HINE, C. **Ethnography for the internet**. Emedded, Embodied and Everiday. London: Bloomsbury, 2015.
- INNERARITY, D. **O novo espaço público**. Lisboa: Teorema, 2006.
- JENKINS, H.; FORD, S.; GREEN, J. **Cultura da conexão**: criando valor e significado por meio da mídia propagável. São Paulo: Aleph, 2014.
- MARCUS, G. M. **Etnografía en/del sistema mundo**. El surgimento de la etnografía multifocal. ALTERIDADES, v. 11, n. 22, 2001, p. 111-127.
- MILLER, D. **Tales from Facebook**. Cambridge: Polity Press, 2011
- \_\_\_\_\_; **Trecos, troços e coisas**: estudos antropológicos sobre a cultura material. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.
- \_\_\_\_\_; et al. **How the World Changed Social Media**. London: UCLPRESS, 2016.
- OKIN, S. M. Gênero, o público e o privado. In: **Estudos Feministas**, Florianópolis, n. 16(2), p. 305-332, mai-ago, 2008.
- ORTNER, S. B. Geertz, subjetividade y conciencia posmoderna. In: **Revista Etnografías Contemporáneas**, UNSAM, ano 1, abril, 2005, p. 25-54.
- PELÚCIO, L. **Abjeção e desejo**: uma etnografia travesti sobre o modelo preventivo da AIDS. São Paulo: Annablume, Fapesp, 2009.
- SILVA, H. **Travesti**: a invenção do feminino. Rio de Janeiro: Relume-Dumará: ISER, 1993.
- THOMPSON, J. B. A nova visibilidade. In: **MATRIZES**, São Paulo, n. 2, abr., 2008, p. 15-38.
- WINOCUR, R. **Robinson Crusoe ya tiene celular**: la conexión como espacio de control de la incertidumbre. México: Siglo XXI: Universidad Autónoma Metropolitana, Unidad Iztapalapa, 2009.
- ZELIZER, V. A. **La negociación de la intimidad**. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2009.